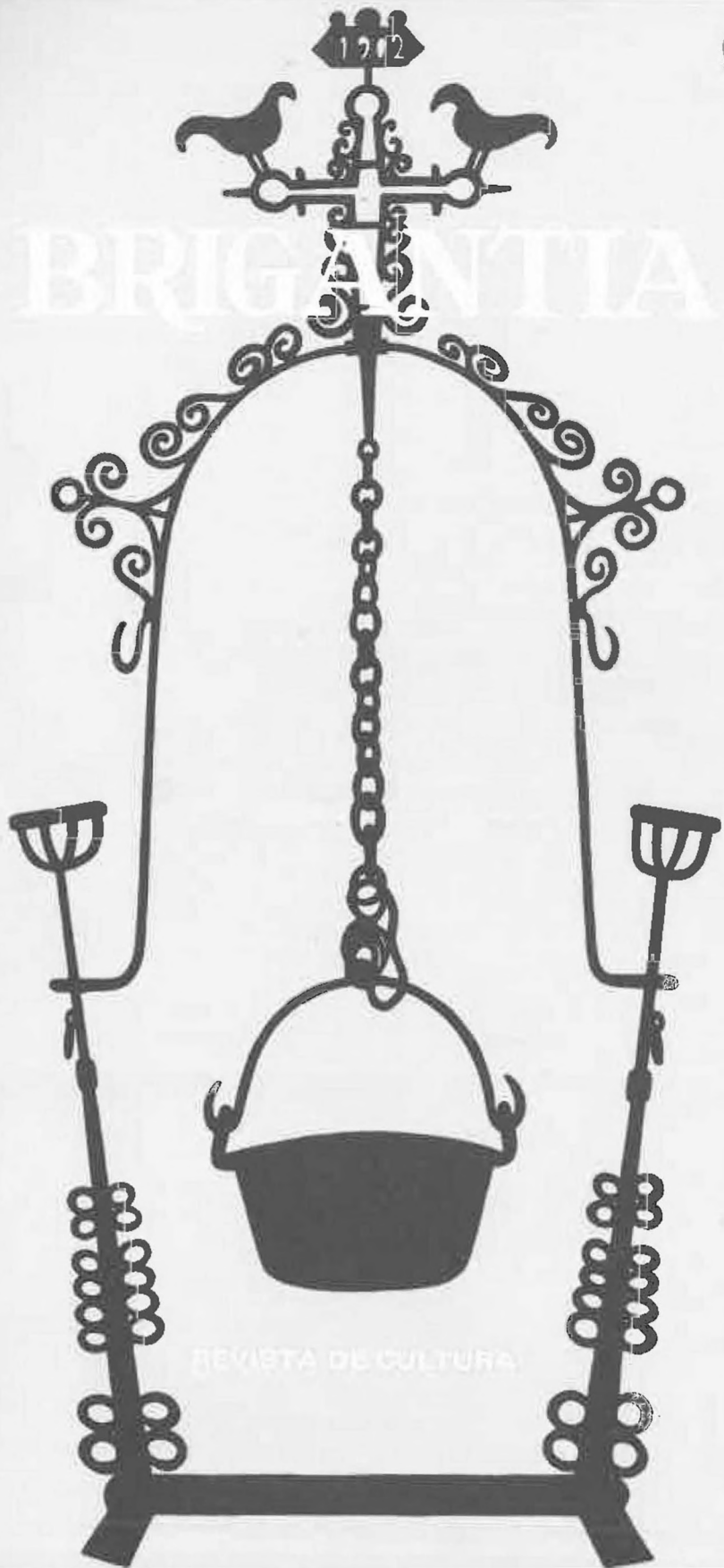


BPT

12/12

BRIGANTIA



REVISTA DE CULTURA

CAPA — **TRASFOGUEIRO** (Postal ilustrado do Museu Abade de Baçal de Bragança, a quem pedimos a devida vènia para a reprodução)

Tiragem: 1350 exemplares

Solicita-se permuta
On prie l'échange
Echange wanted
Sollicitiamo intercambio

Distribuidor de **Brigantia** em Espanha:
LIBRERIA RELIGIOSA
Ramos Carrión, 21 — Teléfono 513424
Z A M O R A

PREÇÁRIO

ASSINATURA ANUAL	2 000\$00
ESTRANGEIRO	4 000\$00

AGRADECEMOS AOS ESTIMADOS ASSINANTES A
PONTUALIDADE NO PAGAMENTO DAS ASSINATURAS

BRIGANTIA

REVISTA DE CULTURA

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

DIRECTOR
BELARMINO AFONSO

EDITOR E PROPRIETÁRIO
ASSEMBLEIA DISTRITAL

ADMINISTRADOR
ASSEMBLEIA DISTRITAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SECRETARIA DA ASSEMBLEIA
DISTRITAL

ARQUIVO DISTRITAL
Apartado 125 — Telef. (073) 28260
5300 BRAGANÇA

Execução gráfica
TIPOGRAFIA LOUSANENSE, LDA.
Rua da Imprensa — Telef. 991229
3200 LOUSÃ

Depósito legal n.º 24080/88

SUMÁRIO

Estudo à volta de «O Pranto de Maria Parda» de Gil Vicente	p. 3-25
por Artur Agedo de Oliveira	
Caminhos transmontanos de peregrinação a Compostela	p. 27-53
por Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha e Maria Manuela Neves Alves	
Pintura Maneirista nos concelhos de Miranda do Douro e Mogadouro	p. 55-68
por Fernando Pereira	
«Romanceiro de Bragança»	p. 69-77
por Berta do Rosário Madueira Beça	
Índice de Portugueses en la Universidad de Salamanca (1580-1640)	p. 79-153
por Ángel Marcos de Dios	
A Republicana Aldeia. Movimentações Populares e Agitação Republicana do Nordeste (1895-96)	p. 155-162
por Vitor Fernando S. Simões Alves	
A Brigantia, Revista de Cultura e a História Local	p. 163-170
por Acário António Branco	
Para a História da Imprensa de Trás-os-Montes e Alto Douro	p. 171-174
por Joaquim Manuel Rebelo	
O 31 de Janeiro de 1891 na Imprensa de Bragança	p. 175-179
por Ângelo Vitor Patrício	
O Parâmetro — Apontamentos para Um Visitante	p. 181-213
por Híronimo da Paixão Fernandes	
Nascido em Bragança há 300 anos Jacob de Castro Sarmento. Um sábio português que fugiu da Inquisição	p. 215-222
por Manuel Cadaíaz de Matos	
O drama da linha do Tua	p. 223-231
por António Cravo	
No V Centenário dos Descobrimentos — «Recordar o passado, celebrar o presente, preparar o futuro»	p. 233-245
por Belarmino Afonso	
Um português por terras de Espanha	p. 247-254
por Isabel M. R. Mendes Drumond Braga	
Gravado no Tempo: Portugal	p. 255-258
por Milla Simões Abreu	
Noticiário Cultural	p. 259-262

BRIGANTIA	BRAGANÇA	VOL. XII	N.º 1	P. 1-262	JANEIRO-MARÇO/92
-----------	----------	----------	-------	----------	------------------

CAMINHOS TRANSMONTANOS DE PEREGRINAÇÃO A COMPOSTELA

ARLINDO DE MAGALHÃES RIBEIRO DA CUNHA
MARIA MANUELA NEVES ALVES

(Continuação do número anterior)

10. A partir de Bagaúste

Bagaúste, Canelas, Poiares (imagem de S. Gonçalo na paroquial?), Vila Seca, Estrada, Bujões, Senhora da Guia, Magalhã (capela de S. Gonçalo), Roalde (na capela de Santa Maria Madalena há uma imagem de S. Roque), S. Martinho de Antas, Garganta, Lamares ⁽⁷⁰⁾, Justes e **Torre do Pinhão** (freguesia de Santiago); seguía-se depois pelo Senhor dos Aflitos, e sucessivamente por Barrela, Agueira, Sortes e Alfarela de Jales. A partir daqui ver 8.1.

11. Para Vila Real

11.1 do Pinhão

Ver 8.4.

11.2 do Ferrão (ou da Cachucha) para Sobrados

Bateiras, Covas do Douro e Sobrados (ver 8.4.); ou Ferrão, Gouvinhas, Ordonho, Paradela de Guiães (ver 8.5.). Daqui podia passar-se a Sobrados (ver 8.4.), a Roalde (ver 8.4.), ou à Magalhã, lugar com capela de S. Gonçalo (ver 10.).

⁽⁷⁰⁾ Mesmo ao lado de Lamares há um outro lugar da freguesia de Mouços, Lagares, que tem uma capela de S. Gonçalo. Este lugar de Lagares fica no entanto no enfiamento da estrada romana de Bragança para Vila Real. É a única que conhecemos que não fica à margem de um caminho propriamente jacobeu.

11.3. de Covelinhas

De Folgosa, na margem sul, passava-se o Douro para Covelinhas, povoação onde há uma bem situada capela do Senhor da Boa Passagem; subia-se depois a Galafura, onde há uma capela de S. Roque, frente à qual passava o velho caminho ainda existente. Pelo caminho dos Salgueirinhos, subia-se depois a Bujões, Fontelo e Abaças, donde se descia para a ponte (romana) da Ribeira, passando depois a Mosteirô, Paúlos, Plaina dos Pinheiros, Vila Nova de Cima (da freguesia de Folhadela, que tem Santiago por Orago), e Vila Real. Segue em 12.

11.4. da Régua

Régua, Cruz das Almas, Fontainhas, S. Gonçalo (lugar da freguesia de S. João de Lobrigos onde há uma capela de S. Gonçalo), Matos, Alvações do Corgo, Azinheira, Povoação, Vale Côvo, Ermida, Vale da Ermida, Agulhas de Carrazedo, Ribeiro de Paúlos, Penelas, Carqueijal, Sabroso, Vila Nova de Cima (da freguesia de Folhadela, que tem Santiago por Orago), e Vila Real. Segue em 12.



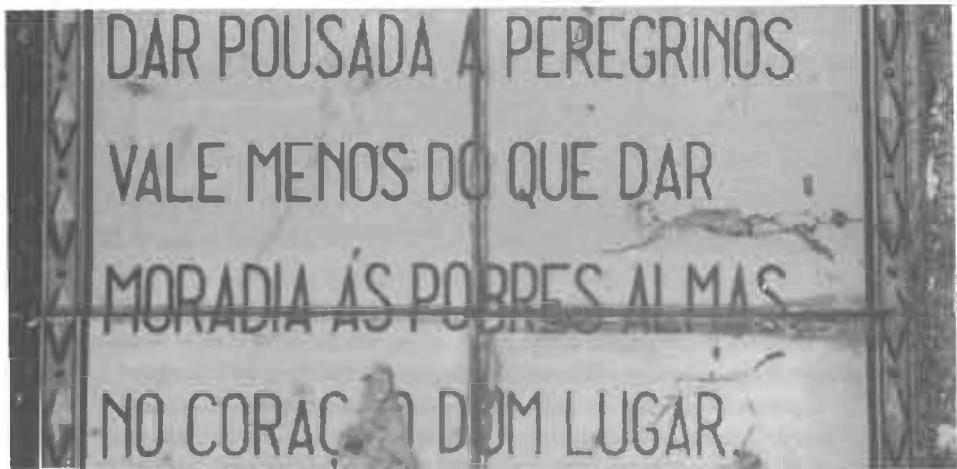
Capela de S. Gonçalo no lugar deste nome da freguesia de S. João e Lobrigos
(Peso da Régua)

11.5. de Moledo

Caldas de Moledo (onde existiu uma «barca de por Deus»), Pedreiras, Santo António, Sobre Igreja, Marvão (capela de S. Gonçalo). Moura Morta, Medrões, Quartas, Tabuadelo, **Fontes** (freguesia de Santiago), Paredes, S. Martinho, Ribeira de Elos, passagem sobre o rio Corte, Veiga, Assento, Cumieira, Parada de Cunhos (freguesia que tem S. Cristóvão por Orago; existe no seu perímetro uma capela de S. Roque e possui uma imagem de S. Gonçalo na paroquial), Quinta das Botelhas e Vila Real. Segue em 12.



Pintura de Santiago Matamoros no tecto da paroquial de Fontes (Santa Marta de Penaguião)



Painel de azulejos das «Alminhas» do adro da paroquial de Fontes (Santa Marta de Penaguião): a substituição da antiga obra de misericórdia, certamente muito praticada no lugar — «dar pousada aos peregrinos» — por uma devoção tridentina — a das Almas — testemunha a frequência da passagem de peregrinos por estas passagens em tempos idos

11.5.1. de Fontes para Mondim de Basto

Fontes. Cavaleiro, Roso, ponte sobre a Ribeira de Benduje, Fornelos (capela de S. Gonçalo), Ribeira de Arcadela, Carvalhais, Cruzamento do Cruzeiro, Côvo, Conceiro, Meneses, Alto da Sardoeira, Gontães, Foz, Alto da Portela. A partir daqui ver 12.4.

11.6. Outras subidas até Fontes

11.6.1. da Rede

Rede (onde há, significativamente, uma Quinta de Santiago), Vale Côvo, Seixo, Chões (Chãos), Cidadelhe, caminho do Pinheiro Manso (onde uma capela de S. Gonçalo), e Mártir, (antes um pouco da paróquia de) Sedielos, Sermanha, Côvo, ponte da Ribeira da «Barja» (Várzea), Assoreira, Tabuadelo e **Fontes** (freguesia de Santiago). A partir daqui, ver 11.5.

11.6.2. de Barqueiros

Estação da CP (de Barqueiros), Costa, Fontanário de S. Fr. Gil, Casal (lugar da freguesia de Vila Jusã), Sobreira, Fundo da Vila (de Mesão Frio), Rodas (freguesia de Santa Cristina), Vila Marim, Estrada, Mártir. A partir daqui, ver alínea anterior.

11.6.3. de Porto de Rei

Porto de Rei (estação da CP), Quintãs, Barqueiros (o velho caminho passava junto da paróquia), capela de Nossa Senhora da Conceição, Freixeiro, Cabouco, Portela de Barqueiros, Matos, Fundo da Vila (de Mesão Frio). A partir daqui, ver alínea anterior.

12. A partir de Vila Real ⁽⁷¹⁾

Para quem atravessava o Douro proveniente da zona de Armamar, Régua e Resende, passar em Vila Real era quase obrigatório, embora houvesse, apesar de tudo, outras possibilidades, e mesmo outras proveniências. Não admira portanto que a região envolvente da «pobra» a que D. Dinis, em foral de 1289, deu categoria de «Vila Real», esteja carregada de lugares de culto de Santiago, e particularmente de S. Gonçalo de Amarante, a dizer quanto a passagem de peregrinos jacobeus foi intensa por toda a região.

⁽⁷¹⁾ Não interessa propriamente a este estudo o traçado da velha estrada romana de Vila Real para Mirandela, que seguia depois para Bragança. No entanto, porque com este traçado se cruzam imensos outros caminhos, esses sim percorridos na peregrinação a Compostela, aqui fica a sua descrição: Vila Real, ponte (romana) de Piscais, (lugar da) Ponte, Varge, Sanguinhedo, Lagares (capela de S. Gonçalo), Lmares, Parada do Pinhão, ponte do Rato, Vila Verde (capela de S. Gonçalo), Levandeira, Codaval, ponte romana sobre o rio Tinhela, Murça, Palheiros, Franco, Lamas de Orelhão, Passos (antiga capela de S. Gonçalo e hagiopónimo que ainda persiste), Golfeiras e Mirandela.

Na hoje cidade, no desaparecido Largo do Tavalado, destruído no início deste século para construir a Av. Carvalho de Araújo, existiu de resto uma capela de Santiago que era sede de uma confraria do Apóstolo que viria a desaparecer no século XV. Na sacristia da Capela Nova (ou igreja dos Clérigos), de Nasoni, há uma bela imagem do Apóstolo, testemunha da velha devoção.

O eixo viário Rio Douro/Chaves e a região de Vila Real constituem o lugar de maior concentração de devoção a S. Gonçalo de Amarante que conhecemos. A este facto não deve ter sido estranha a acção dos frades dominicanos estabelecidos em Vila Real no século XV, idos para ali de Guimarães, terra de naturalidade de seu confrade, Gonçalo de nome, natural de Tagilde, que viveu mais tarde em Amarante. Na Igreja de S. Domingos, hoje catedral de Vila Real, houve ⁽⁷²⁾ uma imagem de S. Gonçalo rodeada de ex-votos de grande devoção ⁽⁷³⁾, bem como, na de S. Pedro, existiu uma Irmandade do santo amarantino. Na «capela nova» está ainda, num dos altares laterais, uma imagem de S. Gonçalo.

12.1. para Chaves

12.1.1. Vila Real, estrada de Borbela ⁽⁷⁴⁾ ou de Ferreiros, Cruz das Almas, Espadanal, Prado, Carreira de Tiro, Calçada, Vila Seca, Gravelos ⁽⁷⁵⁾, Escariz, Cóedo,



Capela de S. Gonçalo, em Zimão (freguesia de Telões, Vila Pouca de Aguiar),
ao lado da velha estrada Régua — Chaves

⁽⁷²⁾ Tentámos saber do destino desta imagem mas não conseguimos informação. De qualquer modo está pelo menos retirada dos altares da catedral.

⁽⁷³⁾ Fernando de Sousa Silva Gonçalves, *Memórias de Vila Real*, 1.º volume, edição do Arquivo Distrital e Câmara Municipal de Vila Real, 1987, p. 166.

⁽⁷⁴⁾ Nesta freguesia de Borbela existiu uma Confraria de S. Gonçalo.

⁽⁷⁵⁾ Este lugar de Gravelos pertence à freguesia de Adoufe onde existiu uma Confraria de S. Gonçalo: a imagem é certamente a que está na paróquia.

Couto, ponte do Neto (Ribeira de Soutelo), Ponte Ribeiro (Ribeiro de Borrallheiros) e Vilarinho da Samardã ⁽⁷⁶⁾. A partir daqui, seguia-se por Tourencinho, Gralheira ⁽⁷⁷⁾, Zimão ⁽⁷⁸⁾, lugar da freguesia de Telões (freguesia que tem Santiago por Orago) onde, ao lado deste velho caminho, há uma capela de S. Gonçalo. Parada do Corgo e Vila Pouca de Aguiar.

Seguia-se depois para Cidadelhe (onde ainda existe a ponte romana), Hotel Universal, Rio das Pontes e Sabroso ⁽⁷⁹⁾. Daqui descia-se a Vidago, por um velho caminho que passava pela esquerda de Oura (freguesia de Santiago). Segue-se depois como em 8.1., 8.2. e 8.3.

12.1.2. De Sabroso podia entretanto passar-se a Vilela, Freixeda e Capeludos ⁽⁸⁰⁾; atravessado o rio Tâmega numas poldras, subia-se a Sobradelo (capela de Santiago — informação da Cúria Episcopal de Vila Real — que hoje os locais dizem de Sto. André), Pinho, Sra. do Monte e Boticas. Segue em 13.2.

12.2. Vila Real/Ribeira de Pena

De Zimão (ver alínea anterior), atravessado o rio Corgo numas poldras existentes no lugar de Lodeiro, rumava-se para a esquerda, para Pontido. Passando por debaixo do Castelo, chegava-se a Soutelo de Aguiar ⁽⁸¹⁾, freguesia de construções nobres, que tem Santiago por Orago.

De Soutelo de Aguiar, passada a capela da Senhora das Pedreiras, subia-se ⁽⁸²⁾ até ao lugar assim dito, Pedreiras, e daí à Lixa do Alvão. Descia-se depois por Trandeiras, Choupica e Senhora da Guia até ao lugar de Santiago (da freguesia de Santa Marinha, conc. de Ribeira de Pena), onde há uma capela do Apóstolo. Prosseguia-se

⁽⁷⁶⁾ De Vilarinho de Samardã seguia-se para Limões, do concelho de Ribeira de Pena (ver 12.3.1.). Nesta paróquia existiu uma Confraria de S. Gonçalo a que certamente pertenceu a imagem que está na paroquial.

⁽⁷⁷⁾ À saída deste lugar da Gralheira, pode ainda ver-se o edifício de uma antiga albergaria novecentista imediatamente antes de um cruzeiro.

⁽⁷⁸⁾ Neste lugar há ainda memória de esta estrada que se descreve ser a antiga que ligava a Régua a Chaves. À entrada do lugar, junto de um pequeno tanque ali existente, no lugar dito das «Almas», pode ainda ver-se um antigo nicho que certamente abrigava uma imagem.

⁽⁷⁹⁾ De Vila Pouca a Sabroso este trajecto é ainda chamado o «caminho velho».

⁽⁸⁰⁾ Como atrás se diz, de Capeludos podia subir-se a Arcossó e seguir depois a Vilarinho das Paraneiras e daí a Redial (ver 8.1.1.)

⁽⁸¹⁾ Esta freguesia aparece também com o nome de Soutelo do Vale.

⁽⁸²⁾ Podia também passar-se daqui a Vila Pouca de Aguiar: antes um pouco da paroquial, corta-se para a direita, na direcção do lugar de Pontes (onde há uma capela de S. Gonçalo), e daí se segue para Vila Pouca. Segue-se depois como em 12.1.

daí por Balteiro, Ponderado, ponte de Viela sobre o Tâmega e Melhe. O seguimento deste trajecto veja-se em 13.1.

12.3. Lamas de Olo/Limões/Ribeira de Pena

Vila Real, ponte do Roque, Almodena, Telhado, Lordelo ⁽⁸³⁾ (na paroquial imagem de S. Gonçalo e pintura em altar lateral), Pereira, Cales, (por baixo do lugar da) Relva, Costa da Portela, Ribeiro de Paraíso, Ribeira Negra, **Lamas de Olo** (freguesia com Santiago por Orago) ⁽⁸⁴⁾, Dornelas, Macieira (freg. de Limões, conc. de Ribeira de Pena) onde há uma capela de Santiago, Cadaval e Limões, Cabriz, Mourão, Almas do Concelho, Portela de Sta. Eulália e Ribeira de Pena. Segue em 13.

12.3.1. A Limões podia ainda chegar-se de Vilarinho da Samardã, depois de passar na Samardã, Alvadia, Azeveda (capela de S. Gonçalo), lugar da freguesia de Limões, e Limões. Segue como na alínea anterior.

12.4. para Mondim de Basto

Vila Real, ponte do Roque (rio das Gaias), **Mondrões** (freguesia de Santiago com tradicional devoção a S. Gonçalo ⁽⁸⁵⁾), Gulpilhares, Póvoa, Pena, S. Miguel da Pena, Lamicela, Vilarinho, Alto da Portela, **Vila Cova** (freguesia de Santiago, com tradicional devoção a S. Gonçalo ⁽⁸⁶⁾), Mascoselo, Alto do Velão. Daqui se descia para Mondim

⁽⁸³⁾ Entre o lugar de Telhado e a paroquial de Lordelo, passava-se no lugar da Ponte (onde há uma dita de origem romana) e no Largo de S. Roque; um pouco acima, no lugar das Cales, pode ainda ver-se a calçada originariamente romana, praticamente destruída de seguida com a abertura da actual estrada que sobe a Lamas de Olo; ela volta a encontrar-se muito para cima, junto da Ribeira do Paraíso.

⁽⁸⁴⁾ De Lamas de Olo podia descer-se a Mondim de Basto (freguesia com S. Cristóvão por Orago) por Pioledo, Bêlhó, Vilarinho e Vilar de Ferreiros.

⁽⁸⁵⁾ A paroquial de Mondrões tem uma notabilíssima frontaria barroca em que se destaca uma representação de Santiago Matamouros, o Orago da freguesia, que tem aos pés, ferido por sua espada, um saraceno. Houve nesta igreja uma outra imagem do Apóstolo, bem como uma pintura de S. Gonçalo, hoje desaparecidas. À entrada da freguesia, quem vem de Vila Real encontra o lugar, Quinta e Capela de S. Roque.

⁽⁸⁶⁾ Vila Cova tem bastos motivos de interesse para um visita cuidada. Logo à entrada, a uns 100 metros da Ribeira de Vila Cova, está um curiosíssimo Cruzeiro de S. Gonçalo e Nossa Senhora da Livração. Depois é a igreja paroquial que tem uma belíssima frontaria em que se destaca uma escultura de Santiago Matamouros. No interior da igreja, estão uma outra imagem e uma pintura do Apóstolo. No altar-mor, uma verdadeira «banda desenhada» em talha policromada a contar alguns milagres e episódios da vida de Santo António. Seguindo adiante, à esquerda um outro belo cruzeiro.

de Basto (freguesia com S. Cristóvão por Orago), por Pardelhas ou Ermelo (capela de S. Gonçalo).



Antiga calçada romana entre Mondrões e Vila Cova (Vila Real)



Imagem de Santiago Matamouros, da frontaria da paroquial de Vila Cova (Vila Real)



Frontaria da paroquial de Mondrões (Vila Real): medalhão representando Santiago e, ferido por sua espada, um sarraceno aos pés

13. A partir de Ribeira de Pena

13.1. para Sabuzedo

Ribeira de Pena, Além Tâmega, ponte de Ponderado (ou de Viela), Melhe, Canedo, Penalonga, Codessos, Cadimes, Quintas, Beça, Minas de Carvalhais, Carvalhais (capela de Santiago⁽⁸⁷⁾), lugar da freguesia de Morgade (conc. de Montalegre), Morgade, Chã (freguesia de S. Vicente, conc. de Montalegre), lugar onde há uma curiosa capela de S. Gonçalo, Medeiros, Senhora das Treburas, Montalegre, Donões e Sabuzedo, lugar da freguesia de Mourilhe, concelho de Montalegre, que tem Santiago por Orago. A partir daqui ver 15.

13.2. para Seara Velha

Até Codessos, ver 13.1. A partir daqui: Boticas, Sapiãos, Bobadela, Nogueira, Ardãos, e Seara Velha (freguesia de Santiago). A partir daqui, seguia-se por Meixide, Vilar de Perdizes⁽⁸⁸⁾ e Xironda (já em Espanha).

14. A partir de Cabeceiras de Basto

14.1. para Vila da Ponte

O «caminho velho» que saía de Cabeceiras de Basto mais ou menos pelo traçado da actual estrada, utilizava em tempos uma ponte ainda existente ao lado da actual, sobre um pequeno rio chamado Douro, e seguia depois pela esquerda (isto é, por cima) da actual estrada. No lugar dito Rio Douro, esse carinho descia para o rio e subia depois para Magusteiro e Lodeiro de Arque (que hoje o povo diz Lodidarque). Aí seguia direito a Carvalho e depois à Cruz de Tabuadela. Já no lugar de Tabuadela (freguesia de Salto, conc. de Montalegre) há uma capela de S. Gonçalo. Seguia-se depois por Virtelo até Cerdedo (freguesia de Santiago), e daí, pelos lugares da Serra e Coimbró, até à Vila da Ponte. (ver 15.1.)

(87) Esta capela, que os locais dizem hoje da Senhora da Saúde, é originariamente de Santiago, e não só porque o afirma a Cúria Episcopal de Vila Real, mas porque, no tecto, lá está pintado o Apóstolo e no altar-mor a sua imagem, embora não no lugar principal.

(88) O Abade de Miragaia fala assim da fundação de uma célebre albergaria para peregrinos jacobeus em Vilar de Perdizes de cuja grandiosidade dizem ainda as suas ruínas: «Em Outubro de 1551, António de Sousa, capelão e fidalgo da casa do Duque de Bragança, e abade desta freguesia, instituiu e dotou o Hospital e Capela de Santa Cruz... Determinou que no dito hospital houvesse uma botica e que na dita casa ou albergaria se recebessem, agasalhassem e tratassem nas suas doenças os peregrinos pobres de Santiago de Compostela...» e outros (transcrito da Enciclopédia *Luso-Brasileira*, chaveta Vilar de Perdizes). Na portaria de serviço do edifício está esta inscrição: «HOSPITAL PERA AGAZALHO/DOS ROMR/DE SANTIAGO ANNO/DE 1724».

14.2. para a Ponte da Misarela

Cabeceiras, Abadim, Travassô, Marcos de Touro, Senhor dos Aflitos, Caniçó (capela de Santiago, freguesia de Salto), Lamalonga, Botica e ponte da Misarela. A partir daqui, ver 15.1.

15. De Salamonde para Mourilhe

15.1. pela Vila da Ponte

Salamonde, Ruivães, Frades, ponte da Misarela, Sidrós, Vila Nova (lugar onde ainda resta um pouco da original calçada romana), Viveiro, Nogueiró, Sacuzelo (capela de Santiago), Currais ou Reigoso, Vila da Ponte (romana), Pisões, Viade Antigo, Cambeses do Rio, Mourilhe (freguesia de Santiago) e Vilar, já em Espanha.

15.2. por Fervidelas

Até Reigoso, como na alínea anterior. Depois: Ladrugães, Bustelo, Fervidelas (freguesia de Santiago), Contim, Sezelhe, Frades e Mourilhe (freguesia de Santiago). Daqui se seguia para Vilar, já em Espanha.

15.3. por Cabril e Fiães do Rio

Salamonde, atravessava-se depois o rio Cávado numa barca aí existente, Fafião (freguesia de Cabril, concelho de Montalegre), lugar onde há uma capela de Santiago. Pincães, Cabril, Bosto Chão, Chelo, Xertelo, Azevedo, Lapela, Sela e Paradela do Rio. Loivos e Fiães do Rio.

Aqui, podia seguir-se para Pitões das Júnias (por Parada) e para Mourilhe, freguesia de Santiago (por Paredes, Covelães, Travassos, Sezelhe e Frades).

No célebre convento de Pitões das Júnias, edifício românico parece que do séc. XII, foram recolhidas as ossadas de um seu também célebre Abade, Frei Gonçalo Coelho, popularmente dito S. Gonçalo, falecido com fama de santidade, mas que não pode confundir-se com S. Gonçalo de Amarante.

16. A partir de Chaves

É comumente conhecido que Chaves e sua região sofreram uma profunda romanização. Por aqui passava uma importante via romana e várias outras estradas secundárias, romanas também. A própria toponímia da região no-lo diz: Bóbeda e Arcossó, entre muitos outros nomes o atestam inequivocamente. São também abundantes as referências a S. Tiago e a S. Gonçalo de Amarante: várias freguesias da região que têm um dos dois santos por Orago, inúmeras capelas de uma ou outra invocação e algumas outras referências no-lo atestam sem reservas.

Na própria cidade de Chaves se sabe ter existido, próxima do actual Largo da Madalena, «uma albergaria pada dar assistência aos peregrinos que por ali passavam com destino a Santiago de Compostela» (89), que «funcionou durante séculos e, sob a invocação de Santa Maria Madalena, teve anexo um templo, de cuja Capelamor ainda existem paredes, integradas no prédio que o substituiu» e de que «ficou o nome que o bairro conserva: Madalena» (90). Um pórtico da capela desta albergaria foi colocado no Jardim-Museu da cerca da Torre de Menagem do forte de Chaves, em 1989.

Era certamente tão grande o trânsito de peregrinos pela região «que os dízimos das freguesias de S. Miguel de Vilar de Perdizes e suas anexas, Santo André de Vilar de Perdizes, Santa Eufémia da Salveira e Santo António de Soutelinho, todas da comarca eclesiástica de Chaves, (...) haviam sido aplicados, por bula de 1551, para um hospital em, que se curassem os enfermos e recolhessem os peregrinos que fossem a S. Tiago da Galiza» (91).

Chaves, no entanto, «não era a única nem a principal via de passagem para Santiago de Compostela» (92): havia muitas outras no Norte do País e mesmo na própria região flaviense. De facto, as serranias que, por todo o lado, rodeiam o «vale de Chaves» explicam e exigiam que, conforme o lugar donde abordava a região, cada peregrino escolhesse o trajecto mais conveniente, o que, em nosso entender, explica a localização, só aparentemente anárquica, de todos os lugares que, nesta zona, se referem a Santiago e mesmo a S. Gonçalo de Amarante, mas de facto todos eles situados à borda de caminhos antigos utilizados na passagem pela região rumo a Compostela.

16.1. por Vilarelho da Raia

Chaves, Outeiro Seco (seguia-se então a meia distância entre Vila Meã e Vilela) até **Vilarelho da Raia** (freguesia de Santiago) (93). Seguia-se depois para Rabal, já em Espanha.

16.2. por Seara Velha

Chaves, Vale de Anta, Soutelo e **Seara Velha** (sai-se de Chaves pela Rua de Sto. Amaro, e, logo a seguir ao viaduto da CP, vira-se à esquerda. O caminho antigo perde-se depois na urbanização recente mas encontra-se bem em sentido inverso, na descida de Vale de Anta para Chaves; a determinada altura, a estrada moderna curva para a

(89) Firmino Aires, *Toponímia Flaviense*, ed. da Câmara Municipal de Chaves, 1990, pp. 150/151

(90) Francisco Gonçalves Carneiro, *Chaves, Cidade heróica*, ed. do Autor, 1978, p. 110

(91) Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Volume III, 1930

(92) José Marques, *O Arcebispo D. Jorge da Costa e as Impressões Flavienses do Sacramental e do Tratado de Confissão*, in *Revista Aquae Flaviae*, n.º 1/89, p. 41

(93) A mais bonita imagem de Santiago desta paróquia encontrámo-la na sacristia, pintura original, apenas um palmo e meio de altura.

direita e o antigo caminho segue exactamente em frente). Daqui seguia-se para Vilar de Perdizes, como em 13.2.



Imagem de Santiago guardada na sacristia de Vilarelho da Raia (Chaves)

16.3. por Ervededo

Chaves, estrada dos Barrocos, caminho do Gamoal, Bustelo, caminho de Arriona, Torre (de Ervededo), ponte da Missa, Couto ⁽⁹⁴⁾ (de Ervededo) ⁽⁹⁵⁾, lugar onde há uma capela de Santiago ⁽⁹⁶⁾, ponte de Santiago, Agrela e Cambedo (capela de S. Gonçalo), da freguesia de Vilarelho da Raia (Orago Santiago), donde segue para Espanha.

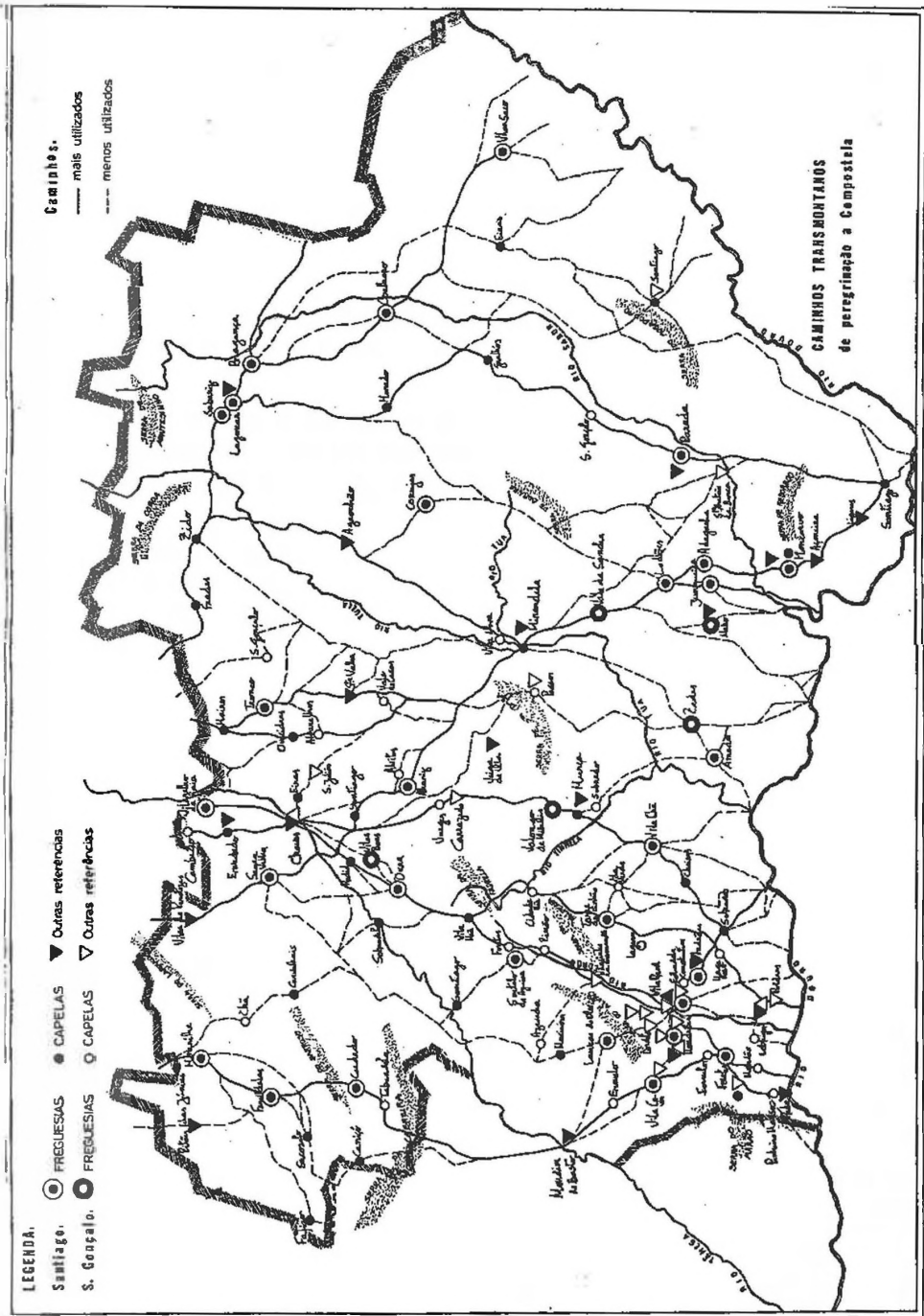
Depois desta longa enumeração de trajectos possíveis da peregrinação a Compostela é necessário precisar que, em Portugal, não há o que possa chamar-se um Caminho de Santiago; houve, sim, múltiplas hipóteses de demandar Compostela. Preferir esta e não aquela, tinha a ver com a procedência, com os pontos de passagem por qualquer razão escolhidos (albergarias, conventos, santuários, ...), e com razões individuais hoje praticamente impossíveis de encontrar. Uma coisa é certa: todos estes caminhos que atravessavam Trás-os-Montes entroncavam na

VIA DE LA PLATA que, do sul de Espanha, por Zamora e Ourense, se dirigiam para o Túmulo do Apóstolo Tiago.

⁽⁹⁴⁾ Esta povoação, couto dos Arcebispos de Braga (donde o topónimo), foi sede de um concelho extinto em 1853.

⁽⁹⁵⁾ Maria José Barros Rodrigues, senhora dos seus 50 e tantos anos, natural desta povoação e nela residente, contou-nos que, em casa de seus pais, uma casa de nobre porte fronteira ao velho caminho que atravessa a povoação, havia a memória de nela se abrigarem inúmeros peregrinos jacobeus. Mais nos disse que ela própria se lembra de, pelo menos uma vez, ter os seus dez anos, isso ter acontecido: quando se levantou, uma manhã, apercebeu-se de que na noite anterior tinham seus pais recolhido um peregrino que ali pernoitara.

⁽⁹⁶⁾ A actual capela, construída em 1983, se nos não falha a memória, substituiu uma antiga que existia no meio do povo mas foi derribada para em seu lugar se levantar um fontanário. Uma imagem de pedra de Santiago a cavalo que ali existia foi «dada» ao vizinho santuário de S. Caetano onde ainda se conserva.



Quem, ainda do sul de Portugal mas seguindo caminhos mais litorais, demandava o célebre santuário, subia pela província do Minho sem entroncar nesta Via. Mas quem utilisasse caminhos transmontanos não tinha outra hipótese senão percorrê-la na sua parte final.

III — APÊNDICES

Glossário Toponímico

A toponímia é hoje uma ciência senhora de seus métodos e processos, indispensável no estudo do nosso passado. Por ela se recolhem notícias das origens, trabalhos, devoções, acontecimentos e nomes. Estudá-la — também a sua etimologia — é hoje um dos poucos recursos muitas vezes disponíveis para o conhecimento das origens. Um hagiotopónimo, por exemplo, pode dar-nos com bastante certeza notícia de uma comunidade cristã pré-nacional; um antropónimo pode dizer-nos da origem romana ou da ocupação árabe de uma qualquer localidade, ou da sua fundação sueva ou visigótica; aquele topónimo pode referir-nos a flora da região; um outro pode dar-nos notícia de uma fortificação antiga, castreja ou não, ou de uma cultura agrícola imemorial, etc, etc.

O glossário que segue — relativo à região transmontana — não pretende ser exaustivo. Mas, deitando mão de estudos a que nos acolhemos, aqui ficam algumas informações que nos foram úteis no estudo dos caminhos que atrás deixamos descritos, de cuja antiguidade dão notícia.

Abaças — Parece provir este topónimo do árabe *Ilhabaxa*, que quer dizer «aldeia negra».

Adoufe — Trata-se certamente do antropónimo *Ataulfi* que, passando em *Adaulfi*, deu Adoufe. Trata-se portanto da *villa* de Ataulfi.

Agostém — este topónimo, na Meia Idade dito *Gostei*, deriva certamente de um nome muito em voga antes da Nacionalidade, *Goesteu* ou *Gudesteu*, que, no genitivo, seria *Guestei* ou *Goestei*, *Gudestei* ou *Godestei*, isto é, «Villa» de *Gudesteu*. O «A» da prótese inicial e a nasalização final (*ei* > *em*) são devidos a fenómenos frequentes no português.

Albergaria — Era vulgar existirem junto aos mosteiros, exigidas pelas regras monásticas, albergarias para recolherem pobres e peregrinos. Cónegos regrantes de Santo Agostinho e beneditinos ocupavam-se particularmente desta obra de misericórdia. Depois, príncipes e outros senhores fundaram albergarias, cuja administração era normalmente entregue a clérigos que, por causa delas, tiveram muitas vezes conflitos com o poder régio.

Aldeia — O árabe *aldaia* está na origem do substantivo português que significa povoação rústica, pequena localidade sem jurisdição própria. Muitas localidades se chamam portanto com este substantivo comum a que se juntou muitas vezes o adjectivo Nova — Aldeia Nova — que faz supor a existência de uma antiga.

Andrães — Trata-se, como no caso de outras povoações vizinhas de Vila Real da *villa* de *Andlanis*, um antropónimo portanto, que, por *Andlanis*, originou a actual forma.

Arcas — este topónimo provém certamente do facto de in loco existirem arcas funerárias de alguma notoriedade.

Arcozelo — *Solium* era a palavra latina que designava um sarcófago. O seu plural — *solia* — referia sepulturas colectivas que se distinguiam dos *loculi*, individuais. Os *solia* eram ordinariamente cavados em arco, donde o nome *arcossolum* (de que derivou o topónimo português *Arcossó*), ou em abóbada (donde o topónimo **Abóbada**, freguesia de Évora, por exemplo, **Bóbada** ou **Bóbeda**, e seu diminutivo **Bobadela**). Ficou também na toponímia portuguesa só a forma **Arco** ou **Arcos**, muito frequente, Arcos de Valdevez, por exemplo, e **Arquinbo** (Amarante). Este diminutivo, no entanto, não é tão frequente como um outro **Arcozelo** (Vila Nova de Gaia) e **Arcozelos** (Moimenta da Beira)

Bagaúste — Trata-se de um «nome pessoal de origem germânica», formado de *baca* (face, nádega, presunto) e *lust* (elemento relacionado com o alemão moderno *lust* que significa alegria. Portanto: Bacalustí > Bagalustí > Bagaustí, por síncope do l⁽⁹⁷⁾).

Barco, barca, barqueira/o — Estes topónimos fazem-se eco, quase sempre, da existência de uma antiga Barca de Passagem utilizada na travessia de um qualquer rio. Podiam estas barcas ser de «por Deus», isto é, gratuitas, instituídas por iniciativa ou testamento de algum benfeitor, ou exploradas por um particular. Patrocinar estas barcas de passagem era, na Baixa Idade Média sobretudo, considerada uma obra de misericórdia, dada a dificuldade que a travessia dos rios normalmente apresentava, nomeadamente no Inverno, devida à quase inexistência de pontes, se exceptuarmos as romanas.

Burgo — Os Burgos, que surgem na Idade Média, a partir sobretudo do século XII, são povoações de importância sobretudo comercial que surgem nomeadamente ao lado de vias de comunicação então muito utilizadas ou no cruzamento de caminhos importantes.

Calçada — As muitas povoações que levam este nome nasceram e desenvolveram-se ao lado de importantes calçadas romanas medievais.

Cale — Este topónimo «Cale» é bastante corrente sobretudo no Norte e Centro de Portugal, e tem a mesma origem que alguns outros, como Cales, Cálem ou Cal. Têm-se atribuído à palavra os significados de habitação, povoado com fortaleza ou sem ela, vila, cidade, parte funda e encaixada de um rio, etc. É no entanto hoje admitido comumente que o topónimo se formou a partir do substantivo latino *Calis*, donde derivou o castelhano *calle*

A forma *Cales*, pode no entanto ser igual a Caes ou Cais.

(97) A. de Almeida Fernandes, *A Toponímia da Beira Alta no «Dicionário Onomástico Etimológico»* de José Pedro Machado, in «Beira Alta», XLVIII, 3/4, p. 383-384

Caminho — Uma povoação que leve este nome indicia que se terá formado ao lado de um antigo caminho. Deriva do baixo latim *caminus*, por sua vez originado no celta *camen*, de *cam*, passo

Caria — Topónimo de origem árabe que significa vila ou aldeia.

Carreira — é de origem gaulesa a palavra latina «*carrus*»; daí que, por exemplo, em provençal, rua se diga «*carriera*». Carreira designa, etimologicamente uma estrada não muito larga de carros ou carral (do latim, *via carraria*). Carreiro refere o condutor dos carros ou um caminho estreito ou atalho.

Chaves — Dentre as várias hipóteses apontadas para a origem deste topónimo, a mais credível parece ser a que a faz derivar do nome romano dado à povoação, *Aquae Flaviae*, isto é, Águas de Flávio: *águas* por alusão à riquíssima nascente de águas sulfurosas ali existente, *de Flávio* por referência ao imperador, Tito Flávio, (anos 7 a 79 da era cristã) que se presume ter sido o fundador da cidade. A derivação terá acontecido do ablativo do plural: os dois *ii* ter-se-ão reduzido a um só e o grupo de consoantes *fl* transformou-se em *ch*, como aconteceu em muitas outras palavras da língua portuguesa (*flamma* > chama, *flagrare* > cheirar, etc)

Cidadelhe — é um diminutivo do latim *civitas* (cidade) formado com o sufixo *icula* (*elhe* em português). Refere portanto uma pequena cidade. Não confundir, no entanto, a *civitas* com a *urbs* romana.

Cruz (das Almas, da Carreira, etc) — Esta palavra «cruz» designa simplesmente um antigo «cruzamento de caminhos». Assim se encontram povoações com o nome de «Cruz da Carreira», isto é, cruzamento de estradas e outras ditas «Cruz das Almas», ou seja, cruzamento onde, na época pós-tridentina, foram implantadas umas «Alminhas».

Cume, Cumiada, Cumieira — Várias estradas ou caminhos antigos passavam nos cumos de montanhas onde acabaram por nascer povoações que tomaram algum destes nomes. Noutros casos, a dificuldade de passar os ditos cumes, acabou por atribuir-lhes, lugares desabitados embora, o substantivo comum que os designava.

Edral, Edrosa e Edroso — *Anethum*, planta que cientificamente se chama *anethum graveolens*, é já citada por Plínio o Antigo na sua *Naturalis Historia*. É desta palavra que deriva o nome *anis* (*aneth* em francês). O latim popular empregava no entanto o diminutivo *anethulum*, mais frequentemente do que a forma base *anethum*. E é deste diminutivo que deriva a palavra portuguesa *endro* ou *edro*. Edral é um topónimo que denuncia o cultivo abundante daquela planta (exactamente como Funchal dá notícia da abundância do funcho). De facto, relativamente próximos daquela freguesia do concelho de Vinhais há outros lugares com topónimos aparentados a este: Edrosa (Vinhais) e Edroso (Macedo de Cavaleiros).

Estalagem — A criação de uma estalagem de acolhimento a peregrinos e viandantes em geral acabou, em muitos casos, por dar esse nome ao lugar onde se implantou.

Estrada — a passagem de uma estrada em determinado sítio deu muitas vezes o nome à povoação que, entretanto, aí nasceu.

Feira — As feiras medievais surgiram, na Meia Idade, em cruzamentos de caminhos importantes ou à roda de santuários de nomeada. Deram muitas vezes nome a povoações aí surgidas.

Fonte — a sede atormentava particularmente os antigos viandantes que, como se sabe, vijavam sobretudo a pé. A existência de uma fonte, cuja construção era, na Meia Idade, considerada uma verdadeira obra de misericórdia, acabou por dar o nome a povoações nascidas à sua volta.

Fráguas — «Fráguas, ou como se escrevia, com maior propriedade, na Idade Média, Fábregas, deriva da palavra latina *Fábrica* com o significado exacto de tenda de ferreiro ou outro artífice» ⁽⁹⁸⁾

Gafaria — Ver «Hospital»

Hospício — Ver «Hospital»

Hospital — Este topónimo *hospital* é sinónimo de *hospício*, *albergue*, *albergaria*, ou seja, *casa de hospitalidade*, destinada a servir quem, de passagem, necessitava de cama e/ou mesa. Só modernamente se tornaram casas ou instituições para tratamento exclusivo de doentes curáveis que se demoravam neles habitualmente pouco tempo. Os hospitais eram portanto para tratamento de doentes, podendo também ter ou não função de albergues de passagem e de hospícios ou asilos, para órfãos, inválidos, cegos, e incuráveis (com o nome especial de gafarias se se tratava de leprosos).

Mesão — esta palavra (que vem do latim *mansionem* > *mansion* > *meison* — tendo conhecido, em português a forma intermédia *meiam* que, em muitos casos se pronuncia ainda popularmente *meijão* —, e em francês originou *maison* como em espanhol *mesón*, significando originariamente estalagem, hospedaria, pousada) designa uma albergaria de cama e mesa, e deu lugar a inúmeros topónimos em Portugal.

Miranda e Mirandela — Parece ser certo que este topónimo tem a ver com gerúndio *mirandus* do verbo latino *miror*, que significa admirar-se. A ser assim, Mirandela seria um diminutivo de Miranda, e teriam os dois topónimos a ver com a beleza do panorama local.

Moimenta — Tem este topónimo certamente a ver com o substantivo latino *monimentum* que significa túmulo. Em tal povoação terá existido um importante monumento funerário.

Mosteiro — Este topónimo designa a existência próxima de um mosteiro, muitas vezes já desaparecido, mas cuja referência se conservou.

Mosteirô e Mosteirô — Esta palavra é, etimologicamente, um diminutivo: de *monasterium* > *monasteriolo* > *monasterioo* > *mo[na]steriô* > *mosteriô* > *mosteirô*.

Murça — Deve ter na base este topónimo e antropónimo árabe Muça, tanto mais que a povoação aparece assim chamada em alguns documentos antigos. «Qualquer

⁽⁹⁸⁾ A. de Almeida Fernandes, *op. cit.*, p. 302

influência analógica ou deturpação prosódica teria introduzido o 'r' medial no vocábulo» (99).

Muro — este topónimo evoca uma antiga povoação castreja e suas fortificações ou muros.

Paçô (ou, incorrectamente, **Passô**) — Trata-se do termo da evolução do diminutivo da palavra latina *palati(ol)um*, pequeno palácio. O topónimo deriva do facto de, no lugar assim chamado, haver ou ter havido um pequeno palácio ou casa solarenga.

Padrão — Este topónimo refere a existência no lugar de um marco militar romano, ou de um verdadeiro padrão erguido segundo o espírito tridentino.

Parada — «No português antigo, 'Parada' significava o mesmo que comedoria fornecida pelos caseiros aos senhores sempre que ali 'paravam' para caçadas, pescarias e outros divertimentos. O tributo, satisfeito primitivamente em gêneros, passou mais tarde a ser pago a dinheiro anualmente, quer o senhorio lá se deslocasse, quer não, e ficou também conhecido por jantar, censo, colheita, pousadoria e outros termos» (100). **Paradela** é um diminutivo de Parada.

Paradinha — este topónimo pode não ser um diminutivo de Parada mas antes designar uma povoação «amparadinha», isto é, sita em lugar defendido

Passagem — Este topónimo serviu para designar importantes lugares de «passagem» de uma estrada ou caminho antigos.

Passo (ou Passos) — Este topónimo deriva certamente do participio (*passum*) do verbo latino *pando* que significa estender, desenrolar, desdobrar. É curiosa esta significação. De facto, modernamente, uma estrada é algo de material: por isso se diz «construir uma estrada». Uma estrada existe. Relativamente aos caminhos antigos não era assim: o caminho fazia-se andando. Fazia-se caminhando, e fazia-se ainda, no sentido material, passando-o muitas vezes. De facto, muitos dos caminhos antigos nunca ninguém os construiu: eram consolidados pela passagem repetida e frequente de caminheiros e carros.

Assim, o topónimo Passo refere lugares por onde frequentemente passavam, tanto pessoas como carros.

Penaguião — «No século XIII, a forma toponímica é Penaguião (**u**) e, no XIV, Penagoiã (*Penaguyam* e *Penagoyam*, respectivamente); e deve, por isso, tratar-se do nome germânico Gogila — que deu Goja, e daria Goiã em caso oblíquo se o elemento determinante 'pena' não estivesse exigindo um possessivo, do tipo particular de Gogilani. Sendo assim, o topónimo Penaguião significará 'castelo de Gógila' ... O castelo de Penaguião, ainda existente e em uso nos meados do século XIII (sobrevivência então, da antiquíssima 'pena' de Gógila), parece-nos ter-se erguido algures na paróquia

(99) I. Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentílicos*, II Volume, Editora Educação Nacional, Porto, 1943, p. 341

(100) M. Gonçalves da Costa, *História do Bispado e Cidade de Lamego*, II, p. 97.

de Sedielos, num dos cumes do vasto flanco do Marão e eminente ao pequeno rio Sermanha.»⁽¹⁰¹⁾. A relativamente vizinha freguesia de Guiães denuncia o mesmo étimo.

Penso — este topónimo parece ter a ver com a cobrança de tributos (do verbo latino *pensare*, pagar)

Poiães — «O vocábulo *Poiães* é o mesmo que *poiães*, plural de *poial*, assento de pedra, notando-se que o 'r' resultou de dissimilação»⁽¹⁰²⁾.

Ponte — A existência in loco de uma ponte, romana ou medieval, deu muitas vezes nome ao lugar onde estava construída.

Portela — Uma portela é uma «passagem estreita e curta entre duas massas montanhosas».

Porto — Praticamente o mesmo que portela. Utilizado sobretudo em castelhano (*puerto*).

Pousada — Este topónimo tem praticamente o mesmo conteúdo que «hospital», embora seja mais recente que aquele.

Póvoa — Topónimo muito utilizado em português, deriva do latim *populum*, povo ou povoação (ainda hoje se usa popularmente o termo 'povo' no sentido de povoação). Mais concretamente uma Póvoa é uma «pequena povoação».

Roalde — Parece estar na origem deste topónimo um antropónimo visigótico *Ranualdus*. A povoação aparece dita Roovalde, Reovalde e Rouvaldi em documentos medievais.

Rua — Há várias povoações com este nome no nosso país: por elas passava uma «rua» importante. Deriva do baixo latim *ruga*, caminho de povoação ladeado de casas.

Sabrosa e Sabroso — O substantivo latino *Sabulum* originou o português saibro ou sabro. É desta forma arcaica sabro — que derivaram Sabroso e Sabrosa.

Salzedas — «vem de *Salicetum*, ou dos salgueiros ainda hoje abundantes na região. A derivação daria Salzeda, e assim se escreveu durante anos, por vezes sob a forma de Sarzeda»⁽¹⁰³⁾.

Sandim — Este nome pode derivar também do antropónimo *Sandinus*, diminutivo de *Sandus*.

Sarzerda — vid. Salzedas

Sendim, Sendal, Sendão, Sendas, Sende, Sendelo, Sendinha, Sendos — Sendim é um nome muito vulgar na toponímia do norte de Portugal. *Sendim* deriva do substantivo latino *semitam* (acusativo), que significa genericamente atalho, carreiro, estrada.

⁽¹⁰¹⁾ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, verbete «Penaguião», vol. 20, p. 942

⁽¹⁰²⁾ I. Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentílicos*, II Volume, Editora Educação Nacional, Porto, 1943, p. 397

⁽¹⁰³⁾ *op. cit.*, p. 463

Várzea — um simples dicionário diz que uma várzea é uma pequena campina cultivada. De facto, há em Portugal muitas localidades chamadas Várzea, nascidas portanto e desenvolvidas a partir de pequenas várzeas, particularmente produtivas. Da corrupção deste nome surgiram curiosos topónimos: Varges, Varjas e Barjas.

Vale Covo ou Valcovo ou simplesmente **Covo** — Há algumas povoações com este nome espalhadas por todo o país. O topónimo significa exactamente «vale côncavo ou fundo».

Venda — Ao longo dos velhos caminhos ou nos seus cruzamentos mais importantes, estabeleceram-se por vezes comerciantes com suas «vendas», à volta das quais se organizaram povoações de alguma importância. As Vendas ditas «Novas» supõem a existência de outras mais antigas.

Vila — A palavra latina «villa» designava inicialmente, no mundo romano, uma propriedade rústica, agrícola, ou uma casa de campo. Este sentido foi-se depois alargando até designar fundamentalmente uma extensa propriedade agrícola e agropecuária, à volta da qual se juntaram e fixaram as populações. Ao longo da Idade Média, foram surgindo inúmeras «Vilas Novas», estas já ao longo de estradas ou outros caminhos de frequente utilização, assim ditas por oposição às «Vilas Velhas» de origem anterior, quase sempre romana ⁽¹⁰⁴⁾. Ao topónimo, substantivo, Vila, juntou-se muitas vezes um patronímico (referindo a sua posse) ou um qualificativo (Verde, Meã, Franca, Real, Cova, Boa, Chã, Pouca). **Vilela** é um diminutivo de Vila.

Vila Flor — Chamava-se Póvoa de Além Sabor esta povoação do distrito de Bragança que teve no tempo de D. João I um novo brasão em que sobressai a flor de lis.

Vila Franca — Uma Vila Franca é uma vila livre. A raiz *franc*, que significa livre, está na origem de França, relacionada com os Francos.

Vila Marim — trata-se de um dos poucos topónimos que conserva o apelativo *Villa*: refere a Villa (de um tal) *Marini*.

Vila Pouca de Aguiar — Há diversas povoações em Portugal com o nome de «Vila Pouca». Pouca deriva certamente do adjectivo latino *paucus*, donde passou a várias línguas novilatínas, com o significado de pequeno, ou pouco. Aguiar vem certamente do substantivo latino *aquila* (águia). *Aquilale*, donde Aguiar, em latim, designaria, um lugar de águias.

Vila Real — é depois de um foral do nosso rei D. Dinis, de 1289, que esta antiga «pobra» (povoação), passa a chamar-se Vila «Real» de Panoias.

Vilar, Vilares, Vilarinho, Vilarelho, Vilarandelo (Vilarando), Vilarouco, Vilarejo e outros derivados — A definição do que seja um Vilar é de Alberto Sampaio: uma fracção de uma *Villa* agrária desmembrada concedida por seu proprietário a servos ou clientes com o fim de ser por eles agricultada. Poderiam ou não ser designados pelo

⁽¹⁰⁴⁾ Ver, a este propósito, A. H. de Oliveira Marques — História de Portugal, Vol. I, Palas Editores, 4.^a edição, Lisboa, 1974, pp. 71/75

antroponímico deste seu novo possuidor. Por sua evolução, alguns deste vilares tornar-se-iam núcleos populacionais agrícolas de importância.

Zedes — Antiga *Zeida*, antropónimo feminino: Zeida era uma filha de Almucamus, rei árabe de Sevilha, que casou com D. Afonso VI de Castela (1030-1109). O nome deriva do verbo *zada*, que significa acrescentar, aumentar.

Lenda do Nabo ou da Cabeça

Da Senhora da Teixeira
No meio da serra
A Santiago da Galiza
Vão dois ermitões um dia.

Que Santiago nos proteja
Quer de noite quer de dia;
Que Jesus e sua Mãe
Vão em nossa companhia.

Fazem um juramento
ao partir p'rá romaria
que, se algum deles morresse,
o restante cumpriria.

E voltaram contentíssimos
Radiantes de alegria
Por já terem realizado
Sua santa romaria.

Que morrendo um, o existente
Sua cabeça traria
para ser depositada
Aos pés de Santa Maria ⁽¹⁰⁵⁾

Mas ao chegarem ao Nabo
Triste caso acontecia,
Depois de sacramentado,
Um dos ermitões morria.

Parlem os companheiros
Cheios de santa alegria
A cumprirem pressurosos
Sua santa romaria.

Ninguém pode calcular
Do companheiro a agonia!
Os olhos raios de lágrimas,
Soluçando assim dizia:

A Compostela chegaram
Ao escurecer do dia;
Prostraram-se por terra humildes
E um deles assim dizia:

Valha-me Jesus e o Apóstolo,
Valha-me Santa Maria!
Este triste juramento,
Meu Deus, quem o cumpriria?!...

Já cumprimos satisfeitos
Nossa promessa tardia;
Já vimos o santo Apóstolo
Com a mais viva alegria.

E dizendo isto o ermitão
Corta a cabeça já fria:
E, banhado em tristes lágrimas,
Trá-la em sua companhia!

⁽¹⁰⁵⁾ Trata-se da capela de Nossa Senhora da Teixeira, também dita dos Prazeres de Nossa Senhora, que está situada a uns 4 km da vila de Moncorvo, ao lado da estrada para Açoreira. Por aqui vinha um velho caminho que, dos lados de Barca de Alva e Freixo de Espada à Cinta, passava na Quinta de Santiago e se dirigia, por Lígues, para Torre de Moncorvo.

Ao chegar à ermida
Dos Prazeres de Maria
Junto ao arco do cruzeiro
Essa relíquia metia.

Desde essa hora em diante,
Em devota romaria,
Muita gente pressurosa
À cabeça recorria.

Ai! Hoje a «Cabeça Santa»
(outrora quem o diria?!...)
Já não tem fiéis devotos
Como já teve algum dia!

Quando fordes à Teixeira
No meio da serraia,
Rezai por esse ermitão:
Padre-Nosso e Avé-Maria.

Lugares transmontanos referidos a Santiago e S. Gonçalo

Lugares referidos a Santiago

1. Freguesias

Diocese de Vila Real:

Alhariz (Valpaços)
Andrães (Vila Real)
Cerdedo (Botijas)
Fervidelas (Montalegre)
Folhadela (Vila Real)
Fontes (Santa Marta de Penaguião)
Lamas de Olo (Vila Real)
Mondrões (Vila Real)
Mourilhe (Montalegre)
Oura (Chaves)
Seara Velha (Chaves)
Soutelo do Vale (Vila Pouca de Aguiar)
Torre do Pinhão (Sabrosa)
Tronco (Chaves)
Vila Chã (Alijó)
Vila Cova (Vila Real)
Vilarelho da Raia (Chaves)

Diocese de Bragança:

Adeganha (Moncorvo)
Amedo (Carrazeda de Ansiães)
Coelhoso (Bragança)
Corujas (Macedo de Cavaleiros)
Lodões (Vila Flor)
Parada (Alfândega da Fé)
Vilar Seco (Vimioso)

2. Outros lugares:

Agrochão, Vinhais: imagem na paroquial

Alvações do Corgo, Santa Marta de Penaguião: capela na Quinta de Avidagos (?)

Andrães, Vila Real: houve uma Confraria de S. Tiago

Bornes de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar: capela no lugar de Vila Meã

Bragança: antiga paróquia de Santiago

Cabril, Montalegre: capela no lugar de Fafião

Campo de Víboras, Vimioso: capela

Donai, Bragança: Lagomar e Sabariz, antigas freguesias de Santiago são hoje dois lugares desta freguesia; imagem-relicário de Santiago e caixotão pintado na paroquial

Edral, Vinhais: capela no lugar de Frades

Eiras, Chaves: capela no lugar do Castelo

Ervededo (Couto de), Chaves: capela, ponte e lugar (lameiros) de Santiago

Ferral, Montalegre: capela no lugar de Sacoselo

Junqueira, Moncorvo: antiga freguesia de Santiago, hoje lugar de Adeganha

Lagomar: antiga freguesia de Santiago; a velha paroquial é hoje uma capela de sua invocação

Ligares, Freixo-de-Espada-à-Cinta: neste lugar e Quinta de Santiago existiu uma antiga capela do Apóstolo, entretanto desaparecida, cuja imagem está hoje guardada na igreja paroquial de Ligares

Limões, Ribeira de Pena: capela no lugar de Macieira

Mairos, Chaves: capela

Mirandela: porta de Santiago na muralha sobre a qual existiu uma capela; havia ainda a feira de Santiago e um Morgado de Santiago

Moncorvo (Torre de): antiga freguesia e antiga capela, ambas de Santiago; existe ainda hoje na vila uma rua e uma fonte de Santiago

Mondim de Basto: festas a Santiago na sede do concelho

Mondrões, Vila Real: houve uma Confraria de S. Tiago

Morgade, Montalegre: capela no lugar de Carvalhais

Murça: lugar e capela na vila; imagem na paroquial; antiga albergaria de peregrinos

Nabo, Vila Flor: a «lenda da Cabeça»

Nogueira da Montanha, Chaves: capela no lugar de Santiago

Oucidres, Chaves: antiga capela de Santiago; hoje imagem na paroquial

Parada, Alfândega da Fé: lenda da Barca de Santiago

Passos, Sabrosa: capela no lugar de Sobrados

Pinho, Boticas: capela no lugar de Sobradelo

Pitões das Júnias, Montalegre: hospedaria para peregrinos jacobeus

Sabariz, Bragança: antiga freguesia de Santiago

Salsas, Bragança: capela no lugar de Moredo

Salto, Montalegre: capela no lugar de Caniçó

Sanfins do Douro, Alijó: capela no lugar de Cheires

Santa Marinha, Ribeira de Pena: capela e lugar

Santa Valha, Valpaços: antiga albergaria
Sedielos, Mesão Frio: capela no lugar de Sobre-a-Fonte
Talhinhos, Macedo de Cavaleiros: capela no lugar de Gralhós
Veiga de Lila, Valpaços: lugar dito «Vale de Santiago»
Vila de Ala (Mogadouro): Lugar e capela de Santiago
Vila Marim, Mesão Frio: Quinta de Santiago na Ribeira da Rede
Vila Real: imagem na «capela nova» ou igreja dos Clérigos (houve nesta cidade uma capela — sita na rua de Santiago — que foi sede de uma Confraria de Santiago)
Vilar de Ossos, Vinhais: capela no lugar de Zido
Vilar de Perdizes, Montalegre: antiga albergaria para peregrinos jacobeus
Vilela do Tâmega, Chaves: capela no lugar de Redial

Lugares referidos a S. Gonçalo

1. Freguesias:

Diocese de Bragança:

Nabo (Vila Flor)
Vale de Sancha (Mirandela)
Zedes (Carrazeda de Ansiães)

Diocese de Vila Real:

Valongo de Milhais (Murça)
Vilas Boas (Chaves)

2. Outros lugares:

Abaças, Vila Real: capela no lugar da Magalhã
Adoufe, Vila Real: houve uma Confraria de S. Gonçalo (a imagem é certamente a que está na paroquial)
Alfarela de Jales, Vila Pouca de Aguiar: capela no lugar de Cidadelhe de Jales
Alvações do Corgo (Quinta de Avidagos), Santa Marta de Penaguião: na capela da Quinta há uma imagem que nos parece de S. Gonçalo, embora popularmente se diga de Santo Ovídio
Alvarelhos, Valpaços: capela
Borbela, Vila Real: houve uma Confraria de S. Gonçalo
Carrazedo de Montenegro, Valpaços: pórtico lateral esquerdo da paroquial
Carvalhais, Mirandela: Quinta e capela de S. Gonçalo no lugar de Vila Nova (das Patas)
Castro Vicente, Mogadouro: lugar e capela
Cerejais, Alfândega da Fé: Quinta na travessia do rio Tua
Chaves: altar de S. Gonçalo na igreja de S. Francisco
Cidadelhe, Mesão Frio: capela de S. Gonçalo no «Pinheiro Manso»
Cimo de Vila da Castanheira, Chaves: lugar e capela
Constantim, Vila Real: capela

Ermelo, Mondim de Basto: capela
 Folhadela, Vila Real: houve uma Irmandade de S. Gonçalo
 Fornelos, Santa Marta de Penaguião: lugar e capela
 Limões, Ribeira de Pena: capela no lugar de Azeveda
 Lordelo, Vila Real: imagem e pintura na paroquial
 Loureiro, Peso da Régua: capela no lugar de Marvão
 Mondrões, Vila Real: houve uma pintura de S. Gonçalo na paroquial
 Mouços, Vila Real: capela no lugar de Lagares
 Noura, Murça: capela no lugar de Sobredo
 Parada de Cunhos: imagem na paroquial
 Passos, Mirandela: fazia-se nesta freguesia a 10 de Janeiro uma feira franca com romagem de S. Gonçalo; houve capela e ainda existe o hagiotopónimo Poiares, Régua: imagem de S. Gonçalo na paroquial (?)
 S. João da Corveira, Valpaços: capela no lugar de Vargem
 S. João de Lobrigos, Santa Marta de Penaguião: lugar e capela
 S. Julião de Montenegro, Chaves: fresco na paroquial
 S. Vicente, Montalegre: capela e lugar
 Salto, Montalegre: capela no lugar de Tabuadelo
 Santiago de Ribeira de Alhariz, Valpaços: capela no lugar de Alvites
 Sedielos, Mesão Frio: no lugar de Sobre-a-Fonte há uma capela de Santiago que tem uma imagem de S. Gonçalo
 Soutelo de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar: capela no lugar de Fontes
 Telões, Vila Pouca de Aguiar: capela no lugar de Zimão
 Valpaços: capela no lugar de Vale de Casas
 Vila Cova, Vila Real: curioso cruzeiro
 Vila de Ala, Mogadouro: imagem na capela do lugar de Santiago
 Vila Marim, Vila Real: houve uma Confraria de S. Gonçalo
 Vila Real: na Igreja de S. Domingos (actual Sé) houve uma imagem de muita devoção, e na de S. Pedro uma Irmandade de S. Gonçalo; na «capela nova» há uma imagem de S. Gonçalo
 Vila Verde, Alijó: capela
 Vilarelho da Raia, Chaves: capela no lugar de Cambedo
 Vilarinho da Samardã, Vila Real: houve uma Confraria de S. Gonçalo (a imagem é certamente a que está na paroquial)

BIBLIOGRAFIA

- Afonso** (Belarmino), A VIA ROMANA DE BRAGA A ASTORGA. VARIANTES NO DISTRITO DE BRAGANÇA ENTRE VALE DE TELHAS E BABE, in Actas do I Congresso Internacional Astorga Romana, Astorga 1986
- Aires** (Firmino), TOPONÍMIA FLAVIENSE, Câmara Municipal de Chaves, 1990
- Almeida** (C. A. Ferreira de), OS CAMINHOS E A ASSISTÊNCIA DO NORTE DE PORTUGAL, Lisboa 1973 [Actas das 1.^{as} Jornadas luso-espanholas de História Medieval realizadas em Lisboa 1972 (Vol. 1, Lisboa 1973, p. 40/57)]

- Aives** (Francisco Manuel), **MEMÓRIAS ARCHEOLÓGICO-HISTÓRICAS** do Distrito de Bragança, 11 vol., Porto, 1909-1948
- Alves** (Francisco Manuel) e Amado (Adrião Martins), **VIMIOSO** (Notas Monográficas), Junta Distrital de Bragança, Coimbra, 1968
- Baptista** (José Dias), **VIA PRIMA** (A Via Imperial Romana de Braga/Astorga) — 1. BRACARA AUGUSTA — AQUAE FLAVIAE, in *Rev. Aquae Flaviae*, (3) 1990, pp. 135/182
- Barkai** (Ron), **CRISTIANOS Y MUSULMANES EN LA ESPAÑA MEDIEVAL**, Ediciones Rialp, Madrid, 1984
- Barradas** (A. Lereño), **VIAS ROMANAS DAS REGIÕES DE CHAVES E BRAGANÇA**, sep. da Revista de Guimarães, LXVI, 1956
- Bottineau** (Yves), **LES CHEMINS DE SAINT-JACQUES**, Arthaud, Paris, 1983 (2.ª edição)
- Caetano** (Marcello), **CAMINHO DE SANTIAGO, CAMINHOS DE PORTUGAL E DE ESPANHA**, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1970
- CAMINO DE SANTIAGO (EL) — UN CAMINO PARA LA PEREGRINACIÓN CRISTIANA**, Carta Pastoral de los Obispos del «Camino de Santiago» en España (24 de Julho de 1988)
- Cardoso** (António), **S. GONÇALO DE AMARANTE**, edição da Câmara Municipal de Amarante, 1978
- Carneiro** (Francisco Gonçalves), **CHAVES, CIDADE HERÓICA**, 1978
- CHEMINS (LES) DE SAINT JACQUES: ITINÉRAIRE CULTUREL EUROPÉEN** (número especial da revista do Conselho da Europa «Un Avenir pour notre passé», n.º 32-1988)
- Chocheyras** (Jacques), **Ensayo histórico sobre SANTIAGO EN COMPOSTELA**, Editorial Gedisa, Barcelona, 1989
- Costa** (M. Gonçalves da) — **HISTÓRIA DO BISPADO E CIDADE DE LAMEGO**, 5 volumes, Lamego, publicados de 1977 a 1986
- David** (Pierre) — **ÉTUDES HISTORIQUES SUR LA GALICE ET LE PORTUGAL DU VI.º AU XII.º SIÈCLE**, Lisboa, 1947
- Fernandes** (I. Xavier), **TOPÓNIMOS E GENTÍLICOS** (2 volumes), Editora Educação Nacional, Porto, 1941
- Fernandes** (João Luís Teixeira) — **MURÇA**, 2.ª edição, edição da Câmara Municipal de Murça, 1985
- Ferrelra** (Monsenhor J. Augusto), **FASTOS EPISCOPAIS DA IGREJA PRIMACIAL DE BRAGA**, 5 tomos, Edição da Mitra Bracarense, 1928/1935
- Gesto** (Xosé Manuel Caamaño), **AS VÍAS ROMANAS**, Ed. do Museo do Pobo Gallego, Santiago de Compostela, 1984
- Gonçalves** (Fernando de Sousa Silva) — **MEMÓRIAS DE VILA REAL**, 2 volumes, edição do Arquivo Distrital e Câmara Municipal de Vila Real, 1987
- GUIA DE PORTUGAL** — Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. V (1.º tomo: Vila Real, Chaves e Barroso; 2.º tomo: Lamego, Bragança e Miranda), s/ data
- GUIA DEL PEREGRINO MEDIEVAL («Codex Callixtinus»)**, tradução de Millán García Bravo, Centro de Estudios Camino de Santiago, Sahagún 1989

- HISTORIA DE LA IGLESIA EN ESPAÑA**, sob a direcção de Ricardo García-Villoslada, La Editorial Católica, S.A. (BAC maior), Madrid, 1979-1982
- HISTÓRIA DA VILA E CONCELHO DO PESO DA RÉGUA**, Régua, 1936
- Lacarra** (José Maria), ESPIRITUALIDAD DEL CULTO Y DE LA PEREGRINACIÓN A SANTIAGO ANTES DE LA PRIMEIRA CRUZADA, in «Pellegrinaggi e culto dei Santi in Europa fino alla 1.^a Cruciatà», Todi, 1963
- Marques** (José), O ARCEBISPO D. JORGE DA COSTA E AS IMPRESSÕES FLAVIENSES DO SACRAMENTAL E DO TRATADO DA CONFISSOM, in *Revista Aquae Flaviae*, 1/89, pp. 23/45
- Martins** (A. Veloso), MONOGRAFIA DE VALPAÇOS, Porto, 1978
- Martins** (Mário), PEREGRINAÇÕES E LIVROS DE MILAGRES NA NOSSA IDADE MÉDIA, in *Revista Portuguesa de História*, tomo V, Vol. II, 1951
- Martins** (Mário), AS VIEIRAS DOS PEREGRINOS DE COMPOSTELA, in «Brotéria» 76 (1963), pp. 164-174
- Matos** (Artur Teodoro de), TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES EM PORTUGAL, AÇORES E MADEIRA (1750-1850), 2 vol., Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1980
- Moreno** (Humberto Baquero), VIAS PORTUGUESAS DE PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA NA IDADE MÉDIA, separata da «Revista da Faculdade de Letras», II Série, Vol III, Porto 1986, pag. 77/89
- Mourinho** (António Maria), PONTE ROMANA NO RIO TUELA E SÍNTESE DAS VIAS E PONTES ROMANAS NO NORDESTE TRANSMONTANO, separata do fascículo II e III do vol. XXIII dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1978
- Paxeco** (Elsa), SÃO TIAGO E SANTIAGO, in «Occidente» 70 (1966), pp. 63-66
- Sales** (Padre Ernesto Augusto Pereira de) — MIRANDELA, 2 volumes, edição da Câmara Municipal de Mirandela, 1983
- Serrão** (Joaquim Veríssimo), OS CAMINHOS PORTUGUESES DE SANTIAGO (Séculos XII-XVI), Fundação Calouste Gulbenkian, Paris 1974
- Sousa** (Fernando de) e Pereira (Gaspar Martins), ALTO DOURO, Col. Novos Guias de Portugal, n.º 7, Editorial Presença, Lisboa 1988
- Sousa** (Fr. João de) — VESTÍGIOS DA LÍNGUA ARÁBICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1789 [edição facsimilada de A. Farinha de Carvalho, 1981]
- TRATADO DE CONFISSOM**, edição fac-símile preparada por José V. de Pina Morais, Portugaliae Monumenta Typographica, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1973
- Valbel** (Joaquim de Castro Lobo), O CONCELHO DE VALPAÇOS, 1954
- Van Zeller** (Rolando), OS CAMINHOS DE SANTIAGO E S. GONÇALO, in *Revista MUSEU*, 3.^a série, n.º 1, Dezembro 1981